

As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

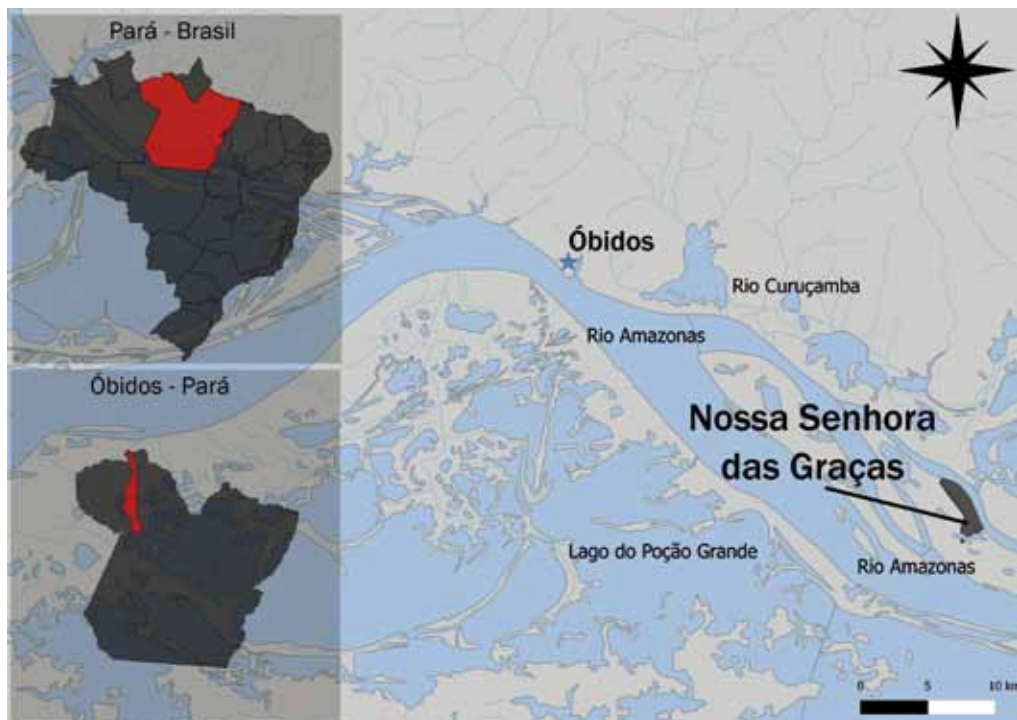
A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola Nossa Senhora das Graças

A comunidade quilombola Nossa Senhora das Graças está localizada no município de Óbidos, no estado do Pará. Situa-se na região do Baixo Rio Amazonas, na margem esquerda, a 34 km da sede do município e a 788,27 km de Belém, capital do estado. Como todo o território está localizado em uma área de várzea, a vivência do quilombo se relaciona diretamente com os períodos de cheia e de vazante do Rio Amazonas. Nela, habitam cerca de 50 famílias.

O município de Óbidos é conhecido como *cidade presépio*, na qual diversas construções relembram a presença dos colonizadores portugueses. Junto dessa memória marcante, as histórias e a identidade das comunidades quilombolas também se fazem notar – comunidades como Apuí, Cuecé, Castanhanduba, Mata, Nossa Senhora das Graças, São José, Silêncio, entre outras conhecidas na região. Em Óbidos também fica parte da Estação



Ecológica do Grão-Pará, uma unidade de conservação de proteção integral; parte da Floresta Estadual do Trombetas e da Floresta Estadual do Parú, que são duas unidades de conservação de uso sustentável, e parte da Reserva Indígena de Tirió. Também há vários assentamentos de reforma agrária no município, com destaque ao Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Três Ilhas, criado em novembro de 2006, cuja área coincidia com o território de Nossa Senhora das Graças.

A solicitação de regularização do território da comunidade, dirigida ao INCRA em 2004, é, portanto, anterior à criação do assentamento PAE Três Ilhas. No entanto, o pedido de regularização fundiária quilombola não foi encaminhado pelo INCRA por questões administrativas desconhecidas. Em novembro de 2011, os quilombolas recusaram seu cadastro na relação de beneficiários do assentamento PAE Três Ilhas, e intensificaram o questionamento da incidência do assentamento de reforma agrária sobre o território da comunidade. Solicitaram ao INCRA que primeiro regularizasse o território quilombola e depois definisse a área do PAE Três Ilhas.

A certidão de autorreconhecimento quilombola da Comunidade Nossa Senhora das Graças foi emitida pela Fundação Cultural Palmares em 27 de fevereiro de 2007. Em abril de 2014, foi iniciado o estudo necessário para a identificação e delimitação do território quilombola (RTID). O território do quilombo abarca as áreas de toda a ocupação histórica das famílias Azevedo, Martins, Ribeiro, Siqueira, Viana e Vieira Ferreira, descendentes de homens e mulheres que foram escravizados em fazendas na região de Óbidos. Edificações e recursos naturais, como os lagos, identificados pelos moradores como necessários para a sua existência, foram incluídos, possibilitando que a área total do território delimitado seja de 576,6 hectares e o perímetro de 12,646 km.

A comunidade e suas famílias

A história de Nossa Senhora das Graças se inicia em aproximadamente 1880, com a chegada de Martinha Pinheiro de Azevedo à região. Filha de pais escravizados em uma fazenda de cacau em Óbidos, ela conquistou sua liberdade do regime escravocrata, mediante pagamento, e se mudou para o local onde teve início a comunidade. Martinha é a matriarca da comunidade, onde originou, a partir de seu casamento com Inácio Caetano de Azevedo, a família Azevedo. Tiveram cinco filhos dos quais apenas Inácia Caetano de

Azevedo permaneceu no local, tendo um filho, Raimundo Azevedo Penha. Após o estabelecimento da família Azevedo, outras famílias foram surgindo no território, como Siqueira, Ribeiro, Viana, Martins, Vieira e Ferreira. Bisavô dos Azevedo mais antigos do quilombo, **Martinha tem relações de parentesco com 31 famílias das 50 residentes no território**. Em Nossa Senhora das Graças, o mais usual é que os casamentos ocorram entre famílias de dentro da própria comunidade, principalmente entre os Azevedo.

A representante mais velha da família Martins é Raimunda Martins (que tinha 86 anos em 2014), filha de Manuel Martins de Siqueira. A família Viana teve origem na comunidade a partir do casamento entre Dilorival Viana, vindo da comunidade vizinha chamada Santa Terezinha, e Osvaldina Bentes de Azevedo, já moradora de Nossa Senhora das Graças. Tiveram cinco filhos, todos residem no quilombo.

Em 1953, Manoel Vieira de Siqueira, na época com 14 anos, chegou à comunidade acompanhado de seus pais, Antônio Mozinho de Siqueira e Almeirinda Vieira Gomes, nascidos em 1892. Compraram um terreno em Nossa Senhora das Graças e deram seguimento à família Siqueira a partir do casamento de Manoel com Izabel Cardoso de Siqueira.

Em 1961, chegaram à comunidade José da Silva Ribeiro e Nazaré Siqueira Ribeiro. Compraram um terreno no local, onde estabeleceram a família Ribeiro. Segundo Nazaré, cuja bisavó Joaquina Azevedo, foi escravizada em uma propriedade na margem direita do Rio Amazonas em Nossa Senhora das Graças “nasceram nossos onze filhos”.



Membros mais antigos da família Azevedo: Lacy, Manuel, Osvaldina, José e Josefa.

Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014

Em 1961, Manoel Cardoso Ferreira e Ozelina Vieira também adquiriram terreno na comunidade e os filhos Felicíssimo Vieira Ferreira e Valdeci Vieira Ferreira, nascidos em Alenquer (PA), mudaram-se para o quilombo, estabelecendo a família Vieira Ferreira, no local.

Em 2014, Claudomira Bentes de Sousa, de 98 anos, e Raimunda Rabelo Martins, de 86 anos, se destacavam como lideranças da comunidade, sendo as moradoras mais antigas nascidas no território, e seguindo uma tradição de centralidade da mulher na organização coletiva, desde a sua formação. **Nesse quilombo, as mulheres desempenham papéis principais nas celebrações e na preservação da memória, garantindo a vivência com uma relação de identidade com o território, que conflui, dia a dia, com o movimento do Rio Amazonas.**

De Santa Maria à Nossa Senhora das Graças

Inicialmente, a comunidade se chamava Santa Maria em homenagem à padroeira festejada no mês de maio, período de cheia do Rio Amazonas. Na época, não havia igreja no território e os moradores participavam das atividades religiosas em Vila Zita, uma comunidade vizinha, onde a padroeira era Nossa Senhora das Graças. Próximo a igreja em Vila Zita, surgiram pontos de encontro e diversão, como um campo de futebol e alguns bares, que incomodavam as cerimônias religiosas.

Por isso, em 1982, os religiosos decidiram transferir a Igreja para a então comunidade de Santa Maria. A mudança da igreja, aliada ao fato de que a celebração de Nossa Senhora das Graças ocorria tradicionalmente no mês de novembro, período da vazante do rio, fez com que se alterassem tanto a padroeira quanto o nome da comunidade, surgindo assim a Comunidade Nossa Senhora das Graças. A igreja foi construída onde era a residência de Martinha Pinheiro de Azevedo, denominada “casa grande”, núcleo geográfico e histórico do quilombo. **Ao longo do tempo, os moradores ampliaram as áreas de cultivo e moradia sem permitir que nenhum pedaço de terra fosse tomado ou negociado.**

O território se distribui espacialmente em *parte de baixo* e *parte de cima*. Na parte de baixo estão um barracão comunitário, utilizado também como escola, uma sede comunitária, uma igreja católica e duas pensões onde

funcionam cozinhas comunitárias. Há, ainda, um campo de futebol e um espaço gramado utilizado para jogar voleibol no qual todas as tardes jovens e alguns adultos se reúnem. O centro comunitário funciona como escola e serve também como principal ponto de encontro, espaço para reuniões e festas.

Para a construção de uma nova escola na comunidade, a prefeitura de Óbidos requisitou a doação de uma área de terra no território. A doação foi feita pela família Azevedo. Até 2014, o ensino oferecido ia até o quinto ano do fundamental e também havia Educação para Jovens e Adultos (EJA). Para as crianças continuarem seus estudos, precisavam seguir para Óbidos ou para o município de Curuá.

A energia elétrica é obtida através de motores de luz individuais ou placas solares de baixa potência, que mantêm acesas algumas lâmpadas por um limite de até 22 horas. Havendo alguma emergência, os moradores precisam ser atendidos na comunidade de Rio da Ilha, pois em Nossa Senhora das Graças não há posto de saúde. Existe um pequeno comércio mantido no território por Boaventura Viana Bentes, conhecido como Ventura, que oferece diesel e alguns alimentos industrializados.

A comunidade integra a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Óbidos – ARQMOB e possui também a representação própria formalizada: Associação Remanescente de Quilombos da Comunidade Nossa Senhora das Graças do Paraná de Baixo (ARQCONS-GPAB), fundada em 2013.

Alguns fatores contribuem para a saída dos moradores do território, como casamentos com pessoas de outras localidades, ausência de atendimento à saúde e educação completa, poucas oportunidades para gerar renda no local, além das transformações climáticas que contribuem para que, a cada ano, os períodos de cheia do Rio Amazonas estejam mais intensos. Por outro lado, a presença de um quilombola na cidade ou em outra localidade não é necessariamente percebida como negativa, pois estende a rede de relações e oportunidades para a comunidade, que se vale da existência dessas outras residências quando necessita.

Folia na cheia, festa na vazante

As festividades principais são a Folia de Reis de Santa Maria, a Festa do Clube Novo Sucesso, a festa da Padroeira Nossa Senhora das Graças e a festa do dia das crianças.

A Folia de Reis foi uma expressão introduzida no Brasil pelos jesuítas, já no século 16, a fim de auxiliar nas missões de catequização de índios e africanos escravizados. Com o tempo, adquiriu novos formatos e significados, mantendo um sentido de devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e aos Reis Magos. **A folia do quilombo é denominada Folia de Santa Maria e é a festa mais tradicional, que se iniciou com a matriarca Martinha Pinheiro de Azevedo. Possui duas bandeiras: a bandeira branca significa a paz e a bandeira vermelha, o sangue dos antepassados que lutaram por liberdade e por justiça.**

A Folia de Santa Maria era composta apenas por homens. Após o falecimento de Martinha Pinheiro de Azevedo, sua neta, Maria Azevedo assumiu a liderança da Folia até o ano de 1975, quando, por ocasião de seu falecimento, passou a ser liderada por sua afilhada, Maria Cardoso (Maria Botóia), que se manteve a frente da Folia por treze anos. Em 1988, com o falecimento de Maria Botóia, a liderança foi assumida por Oscar Bentes Gomes, que posteriormente se mudou para a cidade de Óbidos.

A Folia passou por um período de transformação e, desde uma apresentação em 1999, no encontro de Raízes Negras na Comunidade Quilombola Peruana, começou a ser composta apenas por mulheres que, reunidas, decidiram se dedicar à manter essa tradição. Em 2012 faleceu sua mantenedora Cezarina Azevedo Pereira.



Folia de Santa Maria no ano de 1995, realizando o percurso fluvial.

Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014



Folia de Santa Maria percorrendo as residências da comunidade.

Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de Campo. Nossa Senhora das Graças/2014

Quando o rio enchia, a folia acontecia. Osvaldina Bentes de Azevedo e Josefa Bentes de Azevedo, bisnetas de Martinha, contam que a Folia acontecia em maio, mês de cheia do Rio Amazonas, quando as águas inundam a comunidade e toda movimentação é feita pelo rio, os cantos entoados em comum com as águas. A Folia percorria as casas da comunidade e da vizinhança, que recebiam as bandeiras com as portas abertas, como sinal de devoção. O percurso era caracterizado como “mar abaixo”, quando os foliões seguiam pelo rio abaixo e cantavam em sequência: cantos da chegada, da reza, agradecimento pelo jantar, do beijo, das Três Marias e de encerramento. Quando os foliões chegavam a uma residência às 18 horas, nela cantavam o Cântico das Dezoito Horas e deixavam a Santa Maria nessa casa. No dia seguinte, retomavam com o Canto da Alvorada às seis horas e encerravam a programação.

A maioria dos demais festejos acontece quando o rio desce, principalmente nos meses de outubro e novembro, quando há maior facilidade para os deslocamentos. Durante a celebração de Santa Maria, primeira padroeira da comunidade, que era realizada no período de cheia do rio, os moradores rezavam novenas nas residências e dançavam Marambiré, uma dança de matriz africana. A partir de 1982, passaram a celebrar Nossa Senhora das Graças na primeira quinzena de novembro, período da vazante do Rio Amazonas. No primeiro domingo da celebração, ocorre o Círio e, durante a semana que se segue, são realizadas missas e um arraial durante as noites. Encerra-se no sábado, com uma festa dançante no barracão comunitário.



Festa do Clube Novo Sucesso em 2014.

Fonte: AMARAI, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014



Festa do dia das crianças de 2014 em que crianças e adultos participam das brincadeiras.

FONTE: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014

Em aproximadamente 1980, alguns jovens se uniram para construir um campo de futebol na comunidade, a fim de criar um time para participar dos torneios locais. **A festa e o torneio ocorriam no mês de fevereiro, mas por ocasião da cheia do Rio Amazonas, estas comemorações foram transferidas para o mês de outubro, sendo realizada da segunda sexta-feira até o segundo domingo do mês.** Na sexta-feira os moradores realizam uma seresta dançante, voltada mais para os casais da comunidade. No sábado, ocorre a festa e o torneio de futebol, contando com a presença de times de várias localidades. Na noite desse dia, é realizada uma apresentação de uma atração musical especial. No domingo, acontece o que os moradores chamam de “bagaceira”, momento de encerramento com programação intensa de churrasco e bebidas.

A festa do dia das crianças é coordenada pelos funcionários e professores da escola da comunidade, Escola Municipal Professora Laura Dias, que funciona no barracão comunitário do quilombo. Anualmente é realizada no primeiro dia útil após o feriado de 12 de outubro, em uma programação com muitas atividades e brincadeiras para crianças, adolescentes e adultos: um momento no qual todos comungam o sentimento de pertencimento à comunidade brincando em uma valorização da infância e da alegria.

A Folia de Santa Maria, a celebração que promove a devoção da tradição local, assim como a festa de Nossa Senhora das Graças, a festa do Clube Novo Sucesso e a festa do dia das crianças revelam a solidariedade entre os moradores, que diz muito do

pertencimento ao território quilombola, dos modos de vida existentes no local pautados pela reciprocidade. As festas possibilitam a vivência de uma identidade coletiva compartilhada pelos moradores, ex-moradores e pela ancestralidade do quilombo, pois reforçam e reafirmam os festeiros enquanto comunidade.

A vida se movimenta com o rio

Tanto na realização das festas quanto nas atividades cotidianas, o movimento do Rio Amazonas organiza o tempo e o espaço em Nossa Senhora das Graças. Com períodos de cheia e períodos de vazante, o fluir das águas marca a fluência da vida, em uma relação mútua e sustentável entre rio e comunidade.

Para se chegar à comunidade deve-se utilizar exclusivamente embarcações motorizadas (lanchas ou barcos), que seguem em direção ao local três dias da semana (segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira). O trajeto feito de Óbidos até Nossa Senhora das Graças, via barco, custava 13 reais e dura



Meios de transporte de acesso à comunidade.

Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014



Residência do tipo palafita, do casal Erinaldo e Dileusa, na comunidade, nos períodos de vazante e de cheia.

Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014

aproximadamente três horas e meia, e o trajeto via lancha, custava 20 reais e dura em torno de uma hora. Os moradores utilizam embarcações próprias também, como canoas, bajaranas, rabetas ou lanchas para se locomoverem dentro e para fora da comunidade.

Na comunidade, o nível do rio sobe lentamente do final de novembro até meados de maio e começa a descer em junho até final de outubro. Os períodos de inundações variam de quatro a seis meses por ano, o que depende da velocidade com que o rio enche e da altura que a enchente atinge. No entanto, a cada ano o nível de descida das águas no período da vazante tem reduzido e o volume de água durante a cheia tem aumentado, o que implica em um tempo maior de permanência de solos inundados, prejudicando algumas atividades desenvolvidas no território, como plantio e criação de animais.

O território está totalmente inserido no ambiente de várzea do município de Óbidos, que se forma entre o Rio Amazonas e a terra firme. A comunidade Nossa Senhora das Graças vai da margem do Rio Amazonas até os lagos do interior do território. **Todo o quilombo é cercado pelo Rio Amazonas, que atua diretamente em todos os aspectos da vida, desde alimentação até atividades de lazer.** Em cada ambiente do local são



Áreas de restinga na comunidade.

Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014



Lavoura de milho; melancias colhidas na comunidade; plantação de pepinos.

Fonte: BARBOSA, Paulo Henrique Dias. Nossa Sra. das Graças, Óbidos, PA, 2014

desenvolvidas atividades econômicas e ocupações adequadas às condições ambientais, em consonância com o movimento do rio.

Ao longo do rio se encontram as restingas, consideradas de uso individual, destinada à construção de casas nos locais mais altos e à atividade agrícola de culturas anuais. Todas as casas da comunidade se localizam à margem do Rio Amazonas, voltadas de frente para ele. As residências são construídas em sua maioria de madeira e cobertas com telha de amianto. **Para adequação ao movimento do rio, as casas têm altura média de assoalho, em relação ao solo, de dois a três metros, tipo de construção conhecida como palafita que resiste bem às inundações. O interior das casas é o espaço onde se pode caminhar no período de cheia. Outros deslocamentos são feitos por meio de embarcações fluviais.**

Entre o rio e as casas está a área destinada à agricultura, desenvolvida em pequena escala devido às condições ambientais do local que permitem apenas cultivos de culturas anuais de ciclo curto, tais como milho, feijão, melancia, mandioca, jerimum, maxixe e pepino. Ao iniciar a cheia do Rio Amazonas, as áreas de plantio são as primeiras a ficarem submersas. Dessa forma, toda a agricultura é voltada para a subsistência e consumo local. A relação intrínseca do modo de vida e do movimento do rio é percebida no planejamento do plantio feito ao longo do ano: se o período de seca for muito intenso, prejudica a produção; se a cheia é longa, pode não haver tempo suficiente para que as culturas se estabeleçam antes da estiagem.

Após as restingas, a várzea se caracteriza como campos naturais, zona de transição entre o rio e os lagos ao fundo do território, áreas que são de uso coletivo, embora cada família tenha o direito de cercar, se assim o desejar. Nesses campos é desenvolvida a pecuária local, com criação de bovinos



Campos naturais; Canal do Laguinho.

Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014

soltos, embora o gado possa ser visto por todo o território. Durante as cheias do rio, os rebanhos são levados para áreas de terra firme de parentes e amigos das comunidades quilombolas de Silêncio, Cuecé e São José. A pecuária é a segunda atividade econômica mais importante para a comunidade e toda a renda obtida é destinada à compra de embarcações e de utensílios domésticos, para pagar despesas de levantamento de residências, para emergências, entre outros.

Galinhas e patos também são criados pela maioria das famílias. Embora não haja geração de renda considerável nessa atividade é importante para garantir a alimentação no período em que a pesca é escassa. Essa criação também diminui com os períodos de cheia do rio, pois há raros locais secos onde os animais podem permanecer. Os patos costumam se adaptar melhor às alagações, mas se tornam presas fáceis para animais existentes no território como jacarés e sucuris.

A área de várzea tem fim nos lagos no interior da comunidade, que não secam durante o verão. Na comunidade, esses lagos são o Lago da Conceição, o Laguinho, o Cigana e outros sem denominação, também considerados de uso coletivo, embora devam ser respeitadas regras de acesso e uso. **Nesses lagos, nos canais e no próprio Rio Amazonas se desenvolve a atividade mais importante da comunidade, principal fonte de alimento e de renda: a pesca.**

Nos lagos mais profundos, a pesca resulta com maior produtividade, pois esses lagos servem de abrigo para peixes e outros animais aquáticos nos períodos de seca. No período de vazante, os peixes são mais facilmente capturáveis, pois voltam ao rio ou ficam presos nos lagos e nos canais. Dessa forma, essa atividade está intimamente ligada ao ciclo anual do Rio Amazonas.



Lago no interior do território utilizado para pesca.

Fonte: BARBOSA, Paulo Henrique Dias. Nossa Sra. das Graças, Óbidos, PA, 2014.

A maior parte dos moradores da comunidade se identifica como pescadores e não como agricultores, embora todas as famílias produzam algum tipo de plantio, especialmente o milho. Além da pesca, os benefícios governamentais, como Bolsa Família e Seguro Defeso, também são importantes para a renda dos moradores.

No correr das águas, segue dia a dia a comunidade Nossa Senhora das Graças. Das matas, os moradores retiram ervas medicinais e condimentos; das águas, tiram pacu, acari, tambaqui, apapá, acaru e dourada. No território em que as terras viram fundo de rio anualmente, as casas parecem embarcações em meio às águas: vida que ora pisa a terra, ora navega o Amazonas. **Em Nossa Senhora das Graças, desde criança se aprende a viver com o rio, a beber dele e dele se alimentar. De cada movimento que as águas fazem, a comunidade tece uma possibilidade: de ser também rio que segue, sem margem que aprisiona, em curso de vida livre.**



Igreja e barracão comunitário na época de baixa do rio Amazonas.

Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Nossa Senhora das Graças/2014

Este texto foi escrito por Lânia Mara Silva a partir do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Nossa Senhora das Graças, elaborado em 2014, pela antropóloga Raquel Araújo Amaral; pela assistente em administração Maria das Graças de Sousa do Carmo; engenheiros cartógrafos Gilson Trajano da Silva e Paulo Eduardo Porto Caldeira; e topógrafo Gilson Gonçalves da Silva.

Uma palavra da comunidade

Nossa Senhora das Graças

A nossa comunidade vem de muito tempo, da época da Cabanagem, e nos últimos anos participamos de encontros que nos ajudou a perceber as nossas características, o nosso passado, nossos ancestrais, avôs, bisavôs que eram negros e tinham os traços de africanos. Aqui, a maioria tem a pele bem negra e isso nos identifica. Não que ser quilombola tenha que ser negro, mas tem a ver com a descendência, dos bisavôs que foram escravos na época da escravidão. Por isso, percebemos esses resquícios. Nós passamos a entender também o motivo de estarmos em local de difícil acesso, resistindo. De sermos e termos uma origem, que somos remanescentes de quilombo. Então, quando vieram nos dizer que nossa comunidade já estava mapeada em um assentamento, nós respondemos que queríamos e já tínhamos optado por mantermos a nossa identidade quilombola. Que já havíamos nos organizado para isso e que a Fundação Cultural Palmares havia aceitado a nossa autodeclaração e, também, expedido a certidão de remanescente de quilombos.

Nessa época, do assentamento, todas as outras comunidades já estavam recebendo benefícios do Governo. Nós não queríamos ser considerados ribeirinhos para ganhar o benefício. A gente sobrevive sem esse benefício, a gente resiste, queremos ser reconhecidos como quilombolas que somos. Moramos aqui a muito tempo, eu mesmo moro há 42 anos na comunidade, local onde nossos pais nasceram e se criaram. Nós somos muito unidos, fazemos e procuramos fazer tudo na mais perfeita comunhão, procurando sempre sermos participativos com outras comunidades vizinhas, nas festividades, sempre ajudando as pessoas. E é assim que vivemos e resistimos!

A Associação Quilombola de Nossa Senhora das Graças surgiu com o intuito de acompanhar essas questões relacionadas ao assentamento e ao reconhecimento, enquanto comunidade quilombola. E foi grande a participação da comunidade, entendíamos que era preciso reivindicar, ao Governo, a titulação de nossas terras, mesmo após o estudo antropológico realizado pelo INCRA. Então, nos reunimos inúmeras vezes para falar sobre o autorreconhecimento e sobre o nosso território.

A construção do galpão comunitário é para nós um importante passo na luta quilombola de Nossa Senhora das Graças. E teve maior importância quando este barracão passou a abrigar uma escola que atendeu da educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental I, bem como funcionou com a oferta da Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, só funciona o fundamental I, pois a cada ano diminui a demanda e o número de alunos diminui, antes eram sessenta e atualmente temos trinta alunos matriculados na Escola Professora Laura Dias.

A estrutura da sede da associação não é adequada, mas há uma possibilidade da prefeitura construir um prédio escolar no terreno doado pela família Azevedo, que são moradores da comunidade. E o mesmo ocorre para a construção de um posto de saúde para toda a área do Paraná de Baixo. A promessa é que este posto de saúde atenda a várias comunidades. Em Nossa Senhora das Graças, quando precisamos de atendimento médico vamos para sede do município – de Óbidos e, e em alguns casos, vamos ao posto de Saúde da Comunidade Rio da Ilha do município de Curuá. Em casos extremos, solicitamos uma ambulância que fica na sede.

Aqui os moradores tinham o hábito de plantar a juta, mas atualmente não há tantos compradores, e permanece a tradição de plantar na praia, parte da frente da comunidade que é inundada todo ano com as águas do rio Paraná, braço do Rio Amazonas. Esse fenômeno da cheia ocorre anualmente, então plantamos produtos como milho, feijão, melancia que servem para venda e consumo, e a roça para subsistência, com destaque para a mandioca que é, muitas vezes, transformada em farinha. Por detrás das casas temos o campo que serve para o gado pastar.

Muitos idosos, já aposentados, trabalham na praia, no plantio de roça, bem como há a participação dos jovens, principalmente quando param de estudar. Sendo assim, os estudantes frequentam as aulas, do quinto ao nono ano, na Comunidade Núcleo Novo e muitos completam o ensino médio na comunidade Rio da Ilha, utilizando transporte público escolar. Em geral, os jovens vão para o mercado de trabalho fora da comunidade, quando então se mudam de Nossa Senhora das Graças. E há também pessoas, na comunidade, que trabalham no setor público, sendo a maioria do campo da educação. Já outras têm suas rendas melhoradas com o Bolsa Família, benefício do Governo Federal.

Outra fonte de renda é o peixe. A safra do peixe só é possível no período da piracema. A maioria das pessoas da comunidade faz uso da pesca artesanal e são associadas na colônia Z19. No período de defeso, que vai de novembro a março, os pescadores começam a ganhar um salário mínimo por mês, que é oriundo do valor que pagam na Associação. No final do período de defeso, começa a colheita e posteriormente recomeça a atividade pesqueira. De julho a outubro temos surubim, dourada, pacú, aracú, piaba, apapá e curimatã. A partir de abril em diante temos o mamará, furinha e tantos outros.

Aproveito para agradecer ao meu avô, em memória, por ter doado o terreno para construção da Igreja Nossa Senhora das Graças e outro para a escola.

Palavra elaborada por Aline Neves Rodrigues Alves, outubro de 2017, a partir de entrevista concedida por Leosivaldo Farias de Azevedo, professor da Escola Professora Laura Dias, morador da comunidade e atuante na secretaria da Associação Quilombola de Nossa Senhora das Graças.

Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Juarez Rocha Guimarães, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Danúbia Zanetti, Priscila Z. Martins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

S586cn Silva, Lânia Mara
Comunidade Quilombola Nossa Senhora das Graças / Lânia Mara Silva. -
Belo Horizonte: FAFICH, 2017.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório técnico identificação e delimitação do território da
Comunidade Quilombola Nossa Senhora das Graças de Raquel Araújo Amaral.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Amaral, Raquel Araújo. Relatório técnico
identificação e delimitação do território da Comunidade Quilombola Nossa
Senhora das Graças. I. Título. II. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e do Desenvolvimento Agrário

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Executivo Adjunto

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA BOVO
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários e
Desenvolvimento Rural - NEAD

JÚLIO BRAGA MANDÚ
Coordenador do Núcleo de Estudos Agrários
e Desenvolvimento Rural - NEAD

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS
Coordenador Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
CENTRO DE ESTUDOS
RURAIS E SOCIAIS

IB
CES - AL

Quilombos

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
AGRICULTURA FAMILIAR